

Sobre o olhar petrificador e as contradições da Medusa: produção de saúde mental na universidade

On the petrifying gaze and Medusa's contradictions: production of mental health at the university

Sobre la mirada petrificante y las contradicciones de Medusa: producción de salud mental en la universidad

Moises Romanini

Doutor em Psicologia Social e Institucional, Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS, coordenação conjunta do Grupo de Pesquisa-Intervenção INTERVIREs.

E-mail: mromanini@gmail.com

Grace Vali Freitag Tanikado

Doutora em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Psicóloga na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRGS.

E-mail: gtanikado@gmail.com

Carolina Ritter

Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Assistente Social na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRGS.

E-mail: carolina.ritter@prae.ufrgs.br

Endereço para correspondência: Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Bairro Santa Cecília, Porto Alegre/RS, CEP: 90035-003

Sobre o olhar petrificador e as contradições da Medusa: produção de saúde mental na universidade

Sobre la mirada petrificante y las contradicciones de Medusa: producción de salud mental en la universidad

On the petrifying gaze and Medusa's contradictions: production of mental health at the university

Moises Romanini , Grace Vali Freitag Tanikado, Carolina Ritter

¹Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS, ²Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRGS

Resumo

Tendo em vista tanto a preocupação com as questões emocionais e de saúde mental na universidade, quanto a perspectiva crítica de atuação da Psicologia Escolar e Educacional no Ensino Superior, propomos o Movimento Educação e Saúde Mental, o projeto de extensão MEDUSA. Em seu primeiro ano de desenvolvimento, o MEDUSA se constituiu numa proposta piloto de construção de espaços de escuta, diálogo e intervenções com estudantes sobre questões relativas à saúde mental e as vivências no contexto universitário. Neste manuscrito, temos como objetivo apresentar a experiência deste programa de extensão e discutir seus avanços e impasses num movimento de problematização da saúde mental no ensino superior. Dentre as atividades desenvolvidas, o Grupo Virtual MEDUSA ocorreu com frequência semanal e se constituiu como um espaço de escuta e acolhimento às/aos estudantes. Além do grupo, desenvolvemos uma ação intitulada "O que eu gostaria de falar?", através da participação online em um grupo ou envio de respostas por e-mail. Também foram produzidos materiais informativos sobre o ensino remoto emergencial e questões de saúde mental, bem como ações de apoio matricial às coordenações dos cursos. Nos meandros de encontros singulares, intentamos a desmitificação da universidade enquanto um espaço que valoriza o mérito individual, a competitividade, a produtividade, o capacitismo e que ainda sustenta práticas machistas, homofóbicas e elitistas. Durante a pandemia e no pós-pandemia, nossas/os estudantes precisam ser acompanhadas/os e nossas práticas pedagógicas precisam ser repensadas.

Palavras-chave: Saúde Mental; Educação; Ensino Superior; Psicologia Social; Psicologia Escolar e Educacional.

Resumen

En vista tanto de la preocupación por los temas de salud emocional y mental en la universidad, como de la perspectiva crítica del desempeño de la Psicología Escolar y Educativa en la Educación Superior, proponemos el Movimiento Educación y Salud Mental, el proyecto de extensión MEDUSA. En su primer año de desarrollo, MEDUSA fue una propuesta piloto para la construcción de espacios de escucha, diálogo e intervenciones con estudiantes sobre temas relacionados con la salud mental y experiencias en el contexto universitario. En este manuscrito, nuestro objetivo es presentar la experiencia de este programa de extensión y discutir sus avances y estancamientos en un movimiento para problematizar la salud mental en la educación superior. Entre las actividades desarrolladas, el Grupo Virtual MEDUSA se desarrolló semanalmente y se constituyó como un espacio de escucha y acogida de los estudiantes. Además del grupo, desarrollamos una acción titulada "¿Qué me gustaría decir?", a través de la participación online en un grupo o el envío de respuestas por correo electrónico. También se produjeron materiales informativos sobre temas de salud mental y educación de emergencia remota, así como acciones de apoyo matricial para los coordinadores del curso. En los entresijos de los encuentros singulares, pretendemos desmitificar la universidad como un espacio que valora el mérito individual, la competitividad, la productividad, el capacitismo y que aún sustenta prácticas sexistas, homofóbicas y elitistas. Durante la pandemia y después de la pandemia, nuestros estudiantes deben ser monitoreados y nuestras prácticas de enseñanza deben repensarse.

Palabras clave: Salud mental; Educación; Enseñanza superior; Psicología Social; Psicología escolar y educativa.

Abstract

In view of both the concern with emotional and mental health issues at the university, as well as the critical perspective of the performance of School and Educational Psychology in Higher Education, we propose the Education and Mental Health Movement, the MEDUSA extension project. In its first year of development, MEDUSA was a pilot proposal for the construction of spaces for listening, dialogue and interventions with students on issues related to mental health and experiences in the university context. In this manuscript, we aim to present the experience of this extension program and discuss its advances and impasses in a movement to problematize mental health in higher education. Among the activities developed, the MEDUSA Virtual Group took place weekly and constituted itself as a space for listening and welcoming students. In addition to the group, we developed an action entitled "What would I like to say?", through online participation in a group or sending responses by e-mail. Informative materials about remote emergency education and mental health issues were also produced, as well as matrix support actions for the course coordinators. In the intricacies of singular encounters, we intend to demystify the university as a space that values individual merit, competitiveness, productivity, capacitism and which still supports macho, homophobic and elitist practices. During the pandemic and in the post-pandemic, our students need to be monitored and our teaching practices need to be rethought.

Keywords: MOODLE, Ensino, Psicologia, Competências Profissionais

No início dos anos 2000, o Brasil começou a viver um movimento (que perdurou por aproximadamente uma década) de reforma e ampliação do Ensino Superior. A raça, etnia, cor, classe e gênero da universidade pública brasileira se modificaram substancialmente após a implantação de diversas políticas públicas que abriram as portas do ensino superior: o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI), o Sistema de Seleção Unificado (SISU), o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), a Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas), dentre outras.

Este movimento de democratização do Ensino Superior, necessário embora não suficiente, trouxe consigo desafios e possibilidades para as universidades na construção de um processo educacional que atenda às demandas e às contradições contemporâneas, e ainda contribua com a aprendizagem e o desenvolvimento humano (Marinho-Araújo, 2015; Sampaio, 2015; Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2019). Em uma pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes, 2019), com aproximadamente 400 mil estudantes das 63 Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) do Brasil, percebeu-se que o perfil das/os estudantes está cada vez mais próximo do perfil sociodemográfico do Brasil: diversidade cultural, racial, de sexo e também a desigualdade de renda.

Esta mesma pesquisa evidencia a existência no ambiente universitário de uma procura por orientação e acompanhamento psicológico que não pode ser ignorada. Do total de participantes, 23,7% refere que problemas emocionais ou psicológicos têm gerado dificuldades nos estudos, com um número significativo sendo de indígenas aldeadas e de pessoas com deficiência. O número é mais significativo ainda quando consideramos as dificuldades emocionais de um modo geral, sendo que mais de 80% da amostra indica tais dificuldades, referindo sintomas como ansiedade e insônia, e sentimentos de solidão, desamparo e desânimo. Em torno de 8% refere ideação suicida (Andifes, 2019).

Esses dados despertam em nós, profissionais ligados de alguma forma à assistência e ao acompanhamento estudantil na educação superior, um furor curandis, modo como Sigmund Freud denominou o desejo do analista de curar um/a paciente. Contudo, esse furor poderia nos levar a dois equívocos, ainda mais no contexto da educação superior: a proposição de espaços psicoterapêuticos, visando a cura de estudantes que apresentassem algum tipo de transtorno, acarretando na sobreposição de funções relativas à universidade e ao campo da saúde; como consequência do primeiro, as questões de saúde mental na universidade seriam individualizadas, abordadas através do diagnóstico e tratamentos individuais em detrimento da coletivização das experiências que podem estar contribuindo para o adoecimento psíquico dos sujeitos educacionais.

Cabe destacar que o processo educativo no Ensino Superior é um fenômeno complexo e multideterminado que, na Educação Superior, é inseparável ao desenvolvimento profissional e é formado por fatores de ordem econômica, política, social e cultural. Por isso, a Psicologia Escolar e Educacional, em sua perspectiva crítica, busca superar

práticas individualistas, pautadas num modelo clínico de 'restauração de condutas', através da coletivização das práticas de formação e dos processos de ensino e aprendizagem (Rocha, 1999). Tal trabalho, segundo a autora, "é caracterizado como um trabalho geral, de grupo, de contextualização, de relações dinâmicas, de mobilização das instituições que se escondem nas organizações, favorecendo o pensar ou mesmo a democratização das relações" (p. 188).

Nessa mesma direção, o documento publicado pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (2019) refere que cabe à Psicologia Escolar e Educacional "problematizar, promover consciência e reflexão, desconstruir preconceitos, mediar relações, coletivizar os saberes, promover diálogo, auxiliar na compreensão das singularidades, permitindo visão integral sobre o desenvolvimento do sujeito, bem como a ampliação do olhar acerca dos processos educativos" (p. 15). Ao coletivizar tais práticas, as/os psicólogas/os, inspirados na análise institucional, podem construir espaços de escuta e diálogo através de dispositivos grupais, apostando nas singularidades e promovendo conscientização e reflexão crítica.

O campo da Psicologia Escolar e Educacional, portanto, tem ampliado sua atuação, possibilitando um amplo espectro de intervenções nas IES: acompanhamento das trajetórias acadêmicas; identificar e compreender o perfil socioeconômico das/os estudantes; contribuir com os processos de gestão, formação de professoras/es, construção de projetos pedagógicos; construir espaços que contribuam para a inclusão e permanência das/os estudantes, a universidade enquanto espaço de promoção e produção de saúde, dentre outras (Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2019; Peretta, Oliveira & Lima, 2019; Moura & Facci, 2016; Marinho-Araújo, 2015, 2016; Sampaio, 2015; Bisinoto, Marinho & Almeida, 2011). Marinho-Araújo (2016) destaca ainda que as intervenções institucionais e coletivas das/os psicólogas/os escolares devem estar voltadas tanto à conscientização e ao empoderamento dos sujeitos, como às transformações sociais emancipadoras e ao sucesso acadêmico, com um modelo de atuação baseado em cinco eixos principais: 1) Mapeamento Institucional; 2) Escuta Psicológica; 3) Gestão de Políticas, Programas e Processos Educacionais; 4) Propostas Pedagógicas e Funcionamento de Cursos; 5) Perfil do Estudante.

Tendo em vista tanto a preocupação com as questões emocionais e de saúde mental na universidade, quanto essa perspectiva crítica de atuação da Psicologia Escolar e Educacional no Ensino Superior, propomos, numa parceria entre o Instituto de Psicologia e a Casa do Estudante (Divisão de Moradia Estudantil) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um movimento – o Movimento Educação e Saúde Mental, o MEDUSA¹. Ao longo de 2020, seu primeiro ano de existência, o MEDUSA se constituiu numa proposta piloto de construção de espaços de escuta, diálogo e intervenções com estudantes sobre questões relativas à saúde mental e as vivências no contexto universitário. Neste manuscrito, portanto, temos como

¹ Programa de Extensão, lotado no Departamento de Psicologia Social e Institucional, registrado no Portal da Extensão, da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS (PROEXT), sob nº 42303. Os autores deste manuscrito constituem parte da equipe de extensionistas vinculados ao MEDUSA

objetivo apresentar a experiência deste programa de extensão e discutir seus avanços e impasses num movimento de problematização da saúde mental no ensino superior.

O Desenvolvimento do MEDUSA

Tendo como objetivo geral o de construir espaços permanentes de acolhimento e discussão sobre as questões envolvendo a saúde mental dos estudantes universitários, propomos cinco ações ao longo do ano: 1) Reuniões de articulação e ações conjuntas: aproximação e articulação com o GT de Saúde Mental do Instituto de Psicologia, que já vem realizando ações com as/os estudantes, bem como com a Comissão de Graduação e outros projetos de saúde mental em desenvolvimento na universidade; 2) Rodas de Conversa e Oficinas com estudantes: proposta de um encontro mensal com as/os estudantes do Instituto de Psicologia, com temática aberta e, a partir dos primeiros encontros, o planejamento das oficinas e temas a serem trabalhados seriam definidos com as/os participantes dos encontros; 3) Grupo MEDUSA: com frequência mensal, no espaço da casa do estudante do centro; 4) Encontros de Formação: destinados a professoras/es da universidade, com o intuito de sensibilizá-las/os para a temática da saúde mental das /os estudantes, bem como sobre o uso de drogas, numa perspectiva da Redução de Danos; 5) Apoio Matricial em Educação e Saúde Mental: a depender das demandas, construção de espaços para pensar com as Comissões de Graduação de diferentes cursos e articulação de ações intersetoriais na universidade, a partir da experiência com o atendimento às/aos estudantes desenvolvidos no programa.

Entretanto, alguns dias após o início do ano letivo, fomos surpreendidos por um e-mail vindo do Gabinete da Reitoria: as atividades presenciais da universidade estavam suspensas por 30 dias em função da pandemia do novo coronavírus (SARS-Cov-2) e da doença provocada por ele (COVID-19). Com o crescimento do número de pessoas infectadas e mortas em decorrência da Covid-19, essa suspensão foi sendo prorrogada mês após mês, até que, em meio a acirradas reuniões do Conselho Universitário, foi aprovada a controversa proposta do Ensino Remoto Emergencial (ERE), elaborada pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD).

Tendo como pano de fundo o contexto da pandemia e as críticas atribuídas em relação à proposta do ERE, passamos a busca pela compreensão do que seria esse ensino remoto e como poderíamos, com as/os estudantes que quisessem e conseguissem acompanhar as atividades de extensão, construir um espaço de acolhimento e diálogo sobre as questões relativas à saúde mental na universidade. A necessidade de utilizar Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) gerou muitas controvérsias e confundiu professores/as não apenas em relação às disciplinas que ocorreriam ao longo do ano, mas também em relação às atividades de pesquisa e de extensão.

A educação remota emergencial, conforme afirmam Hodges et al (2020) e Arruda (2020), é uma mudança temporária, envolvendo soluções de ensino remotas para aulas que haviam sido previamente planejadas como presenciais. O ensino remoto pode mesclar

momentos síncronos e assíncronos. No primeiro caso, a educação remota pode ser apresentada em tempo semelhante à educação presencial, com os conteúdos e programação divididos por semanas de aulas e encontros online com os/as estudantes. Nos momentos assíncronos, temos a possibilidade de utilizar inúmeras ferramentas digitais para a gravação de conteúdos, que poderão ser acessados pelos/as estudantes em qualquer tempo e espaço (Arruda, 2020).

Ao transpor o debate sobre o ERE para o programa de extensão, reelaboramos nossas ações e o MEDUSA foi reestruturado tendo como base as TDIC's. As oficinas com as/os estudantes do Instituto de Psicologia e o Grupo MEDUSA na Casa do Estudante Universitário foram unificadas na proposta do Grupo Virtual MEDUSA: com frequência semanal e duração de, no máximo, uma hora e trinta minutos, através de uma plataforma virtual. Além do grupo, desenvolvemos uma ação intitulada "O que eu gostaria de falar?", através da participação online em um grupo ou envio de respostas por e-mail. A produção de materiais informativos, formação de professores e apoio matricial também sofreram modificações nesse momento da pandemia, conforme será apresentado e discutido nas seções seguintes deste manuscrito.

O Grupo Virtual MEDUSA

O contexto da pandemia do Coronavírus nos convocou a revisar o planejamento inicial e, ao invés de grupos presenciais no Instituto de Psicologia e na Casa do Estudante do centro, propomos a realização do Grupo Virtual MEDUSA. Com algumas exceções, reunimo-nos semanalmente, entre os meses de maio e novembro, totalizando 25 encontros de aproximadamente uma hora e trinta minutos. Participaram em torno de 12 estudantes, de diferentes cursos da graduação e pós-graduação, variando a frequência de um a seis estudantes em cada encontro. Destacamos que o grupo não tinha finalidades terapêuticas, uma vez que entendemos que a universidade pode promover e produzir saúde, afastando-se das perspectivas tradicionais curativas e adaptativas da Psicologia Escolar e Educacional.

Esse espaço grupal produziu um processo de coletivização das experiências das/os estudantes, como bem nos indicaram Rocha (1999), Marinho-Araújo (2015) e Sampaio (2015). O grupo Virtual MEDUSA adotou uma metodologia semelhante às rodas de conversa propostas por Peretta, Oliveira e Lima (2019). Os participantes das rodas de conversa sobre a evasão abordaram aspectos como as pressões advindas da sociedade e familiares; expectativas, dilemas e vivências da vida universitária; dívidas simbólicas, com a sociedade, com a família, consigo mesmos. Diante de angústias e sofrimentos, as rodas se constituíram como uma significativa ferramenta para a atuação da/o psicóloga/o escolar na universidade, pois, além de fornecerem informações importantes para ações institucionais, proporcionaram também um espaço dialógico, de acolhimento, reflexão e ressignificação (Peretta, Oliveira & Lima, 2019).

É nesse sentido que o dispositivo grupal possibilitou a

coletivização das experiências e angústias, tomando a saúde mental não como fenômeno ou atributo individual, mas como uma construção coletiva. Temas como a homofobia, elitismo, hierarquização das relações acadêmicas, produtivismo e competitividade no ambiente acadêmico, dificuldades de adaptação, dentre outros, emergiram nos e através dos encontros, em processos de aproximação e distanciamento das experiências narradas pelas/os estudantes participantes do grupo.

O grupo, portanto, evidenciou questões sobre a saúde mental na universidade que já vem sendo apontadas por diversas pesquisas e autores. Em uma pesquisa com estudantes moradores de uma casa do estudante de uma universidade pública, Osse e Costa (2011) identificaram níveis significativos de ansiedade e depressão em estudantes que dependiam de recursos institucionais para a sua subsistência. E como resposta às dificuldades de adaptação ao novo contexto, os autores também identificaram comportamentos de risco associados à solução de problemas, como o uso abusivo de substâncias psicoativas – tema recorrente em nossos encontros.

Como um dos efeitos de um contexto hierarquizado, produtivista e competitivo, temos a frequente afirmação dos estudantes sobre a sensação de a universidade ser um espaço de construção e vivências individualistas e meritocráticas. Nessa direção, Venturini e Goulart (2016) destacam o tema da solidão como significativo no debate sobre a saúde mental no âmbito das relações e processos universitários, indicando a necessidade da construção de projetos de saúde mental acolhedores e inclusivos. Além disso, o novo perfil das universidades públicas, que traz para dentro das instituições um estudante-trabalhador, coloca em análise práticas pedagógicas e currículos naturalizados em premissas de um ensino superior ainda elitista. Nesse sentido, Leal e colaboradores (2019) analisam a relação de problemas de saúde mental, como depressão e suicídio, com os problemas emocionais, dificuldades financeiras e inadaptação ao meio acadêmico vividos por estudantes.

Estudos como os de Arino e Bardagi (2018) relacionam fatores acadêmicos que influenciam a saúde mental das/os estudantes ao período do curso no qual se encontram. Os períodos, inicial (transição do Ensino Médio para o Superior), médio (início dos estágios e primeiros contatos com as práticas profissionais) e/ou final (processo de desligamento do papel de estudante e inserção no mercado de trabalho), são caracterizados por diferentes demandas, o que nos ajuda a identificar o perfil dos diferentes grupos de estudantes e traçar ações de prevenção e promoção de saúde (Arino & Bardagi, 2018). Esses diferentes períodos do curso são tornados ainda mais complexos quando pensamos na inserção de estudantes-trabalhadores e nas mudanças étnico-raciais promovidas pelas ações afirmativas nas universidades. Demandas como o excesso de carga horária de estudo, a adaptação ao novo contexto, novas rotinas de sono e alimentação, demandas de organização do tempo e estratégias de estudo, o nível de exigência das disciplinas cursadas para a formação profissional, a difícil equação entre trabalho, família e estudos, emergem também no grupo MEDUSA através de angústias e ansiedades traduzidas na culpabilização individual do fracasso

acadêmico. As/os estudantes, embora problematizem condições institucionais e estruturais que favoreçam o fracasso, tomam para si tal responsabilidade ou culpa, o que gera um intenso sofrimento psíquico.

Entretanto, além de endossar aspectos acadêmicos que influenciam na saúde mental das/os estudantes universitários já descritos na literatura, o grupo Virtual MEDUSA evidenciou pontos importantes em relação ao contexto da pandemia e que pode ter efeitos pós-pandemia no cotidiano das universidades. As/os estudantes relataram, em consonância com cartilha produzida pela Fundação Oswaldo Cruz (2019), diversas sensações e pensamentos nos primeiros momentos da pandemia: perder pessoas amadas; perder os meios de subsistência ou não poder trabalhar durante esse período; transmitir o vírus a familiares e amigos; impotência perante os acontecimentos; irritabilidade; angústia; tristeza; alterações de apetite e de sono; e pensamentos recorrentes sobre a pandemia e a saúde dos familiares.

Buscando produzir um significado diante dessa diversidade de sensações, pensamentos e reações frente à pandemia, produzimos uma atividade com as/os participantes do grupo inspirados no método de pesquisa denominado Photovoice. O Photovoice é uma metodologia de ação participativa e colaborativa baseada em fotografias capturadas pelos sujeitos da pesquisa (Oliveira & Martins, 2019; Marques & Miranda, 2015). Adaptamos as três etapas da metodologia proposta por Marques e Miranda (2015) conforme os objetivos do nosso grupo. Na preparação, convidamos as/os estudantes a refletirem sobre situações e imagens do cotidiano imposto pela pandemia que despertam sentimentos positivos e negativos – ansiedades, angústias e alegrias. Na etapa da ação, cada participante produziu as suas fotografias e um texto descrevendo as imagens e os sentimentos associados a elas. E na finalização discutimos as fotografias e os textos escritos pelas/os participantes nos encontros do grupo.



Figura 1. Máscara

Fonte: fotografia produzida por uma das participantes do grupo e compartilhada publicamente em rede social.

Na figura 1, a estudante compartilhou um momento que lhe causava muita angústia: o pai não costumava usar máscara quando saía de casa. Ela descreve a imagem da seguinte forma: “É preciso, é importante e não é impossível. Use máscara quando for sair de casa. Precisamos pensar na gente e nos outros. O mundo está lotado de coisas, o egoísmo e a falta de empatia não podem ocupar espaço”. Já na figura 2, temos um exemplo de algo que alivia o estresse e a ansiedade causados pelo distanciamento social, como escreve o próprio participante: “evoluindo com a natureza e me (re)conectando comigo mesmo”.



Figura 2. *Natureza*

Fonte: fotografia produzida por um dos participantes do grupo e compartilhada publicamente em rede social.

Na atividade do photovoice, outra participante do grupo refere que estamos vivendo um momento de suspensão das roupas nos cabides e também dos afetos (imagem 3). Em uma escrita poética, a estudante ressignifica o novo cotidiano imposto pela pandemia:

(...) Não só as roupas parecem suspensas, mas os afetos também. As entranhas contraem, se espremem nessa estranha mecanização do ir e vir. Semana à semana, a “roupa de rua do cabide” dá lugar a outra, mas, ainda assim, sinto ser sempre a mesma, o mesmo casaco amarelo com a echarpe branca. E, assim, as entranhas, as roupas e os afetos parecem justos demais, necessito resgatar um pinguinho da criatividade de outrora para me sentir bem viva de novo. É verdade, por vezes invejo Zeca Baleiro quando ele diz que anda tão à flor da pele que qualquer beijo de novela o faz chorar; para mim o choro é pouco, às vezes seco. Sinto como se aquele momento em que o maxilar desencana em um estralar perdurasse mais do que centésimos de segundo. E como quase tudo – esforço-me a fazer essa ressalva – parece tão seco e tão pouco, sinto certa mesquinhez tomar conta do dia-a-dia; nunca me irritei tanto com a louça não lavada. Depois de todas essas palavras, percebo, a casa da qual falo não é minha, nunca foi. Ela tem dono, e é Vinícius de Moraes. Ele há muito já sabia dessa casa na qual não se podia entrar porque não tinha chão, não tinha teto, não tinha nada. Existia ali, somente um esmero bobo de número zero. Me engancho, enfim, na esperança pouca e boba de

que tudo recobre sentido, afeto e consciência.



Figura 3. *Cabide*

Fonte: fotografia produzida por uma das participantes do grupo e compartilhada publicamente em rede social.

As “roupas de rua” são suspensas no cabide, numa casa que não tinha chão, não tinha teto. As sensações, os sentidos e os afetos fazendo operar o dispositivo grupal, tornando tais experiências como algo além do íntimo, algo comum e político. Do cotidiano alterado, vivido como algo individual e, por vezes, amedrontador, o acolhimento dessas vivências as tornavam nossas.

A pandemia, portanto, trouxe a necessidade das/os estudantes compartilharem suas angústias e vivências, não apenas acadêmicas. Percebemos como um dos efeitos da pandemia na vida universitária o borramento das fronteiras entre vida doméstica, familiar, acadêmica e laboral (para aqueles que seguem trabalhando na modalidade home office). Desse hibridismo dos espaços comumente habitados e vividos, emergiram nos encontros uma série de questões:

Um sentimento geral de desamparo e desolamento com o atual contexto social e político do nosso país, refletido em narrativas que apontam para o desmonte de políticas públicas de saúde, educação e assistência social, bem como pela forte polarização política entre os que se denominam de “esquerda” e de “direita”.

Conflitos familiares significativos em decorrência desta polarização política, especialmente no que tange os cuidados preventivos na pandemia, como o uso de máscaras e álcool em gel. Em nosso país, o negacionismo científico e a recusa com o uso de máscaras faciais como medida de biossegurança frente ao novo coronavírus vem sendo percebido pelas/os estudantes dentro de suas casas – pais, mães, irmãos/ãs, o que gera conflitos e sofrimento.

Decorre desses conflitos e sentimentos uma insatisfação com a falta de engajamento coletivo em relação às medidas de biossegurança na pandemia, principalmente nos últimos meses. A percepção de uma ausência de engajamento coletivo torna mais recorrente os pensamentos sobre a pandemia e a saúde dos/as familiares e amigos/as, amplificando sentimentos e reações comuns apontadas pela

Fundação Oswaldo Cruz (2019), como a impotência perante os acontecimentos, irritabilidade, angústia, tristeza, dentre outros.

Além das questões motivadas pelo contexto da pandemia em si, há relatos de ansiedade gerada pela longa suspensão do calendário acadêmico na universidade e incertezas quanto à sequência dos cursos. Esse fato se torna ainda mais agudo quando pensamos nas situações de estudantes-trabalhadores, em home office ou não, que buscam manter-se engajados e vinculados na universidade, tendo que dar conta do trabalho e da família.

Quando do retorno das aulas, as/os estudantes referem estranhamento e dificuldades relacionadas ao Ensino Remoto Emergencial. Conforme as/os participantes do grupo, houve uma confusão entre as modalidades de ensino remoto e Educação à Distância, havendo um excesso de tarefas a serem realizadas em cada disciplina. Além disso, parece às/aos estudantes que algumas/alguns professoras/es simplesmente deslocaram métodos e didática do ensino presencial para o remoto, tornando as aulas expositivas muito cansativas frente à tela do computador.

Entendemos que essas cinco questões merecem um estudo e análise aprofundados, pois evidenciam efeitos do contexto excepcional da pandemia na saúde mental e na vinculação das/os estudantes com a universidade. Cabe ainda destacar que em nossa universidade, assim como em outras universidades federais, o retorno às aulas não ocorreu sem resistências. Considerando os avanços, ainda incipientes, promovidos pelo maior acesso ao ensino superior e a transformação recente no perfil do estudante das universidades federais, questionaram-se os processos de exclusão ao direito à educação que parte significativa das/os estudantes sofreriam com a oferta de uma modalidade de ensino remoto. As dificuldades de permanência na universidade de grupos de estudantes trabalhadores, indígenas e negros/as que já demandavam uma transformação dos currículos e práticas pedagógicas frente às ações afirmativas, tornaram-se ainda mais evidentes, escancarando as desigualdades (de acesso, de condições específicas de estudo), sustentando o lugar ainda elitista de nossas universidades.

Atividade “O que eu gostaria de falar?”

Ao final do ano e concomitantemente à realização dos encontros do Grupo Virtual MEDUSA, promovemos uma atividade chamada “O que eu gostaria de falar?”. Com o intuito de ofertar um espaço de escuta e acolhimento e iniciar a produção de materiais de educação permanente sobre saúde mental na universidade, convidamos as/os estudantes a responder a questão “... se eu tivesse a oportunidade de falar sobre o assunto, o que eu diria aos professores, orientadores e técnico-administrativos?”.

As respostas chegaram até nós através de e-mail e em um encontro online. O resultado dessa ação foi muito significativo, trazendo à tona questões como competitividade, cultura da genialidade, capacitismo, elitismo, críticas a aspectos didático-pedagógicos das/os professoras/es (tanto no modo presencial quanto no remoto de ensino) e vivências

de racismo, machismo e homofobia no contexto da universidade.

Tabela 1 Narrativas das/os estudantes sobre saúde mental

Tema	Excertos das narrativas das/os estudantes
Ensino Remoto Emergencial	<p>“Não dá para importar slides do ensino presencial para o ERE como se fossem a mesma coisa. Não entendemos os slides disponibilizados”.</p> <p>“Em tempos de Ensino Remoto, algumas práticas podem ser muito positivas, como a variação nos recursos metodológicos utilizados: vídeo-aulas, slides, encontros síncronos para discussão de conteúdos ou para sanar dúvidas, podcasts com entrevistas, vídeos curtos do tipo tutorial para explicar conteúdos práticos...”.</p> <p>“Entendo que estamos passando todos por um momento difícil, e acredito que o papel do educador atualmente não esteja restrito somente ao ensino de conteúdos teóricos seguindo o plano de ensino no ERE. Só que acredito que alguns professores não compreendam que o ERE seja um ensino emergencial, e muitos mandam e-mails ameaçadores, planos de ensino absurdos e sem consideração com o período em que estamos vivendo”.</p>
Cultura da Genialidade e Intelectualidade	<p>“É normal 80% de uma turma reprovar em uma disciplina? Talvez esse professor precise repensar a sua didática e suas provas que não refletem o conteúdo trabalhado em aula”.</p> <p>“Parece que quanto mais soberbo e arrogante, maior o conhecimento. Para quem se sente burro, menor a autoestima”.</p> <p>“Não houve por parte dos professores interesse em se escutar o que o aluno tinha para dizer sobre a disciplina. Simplesmente se invalidava a crítica trazida e eliminava qualquer possibilidade de elaborar e construir alguma solução, ou simplesmente tentar refletir junto ao aluno sobre a questão trazida”.</p>
Hierarquização, Produtividade e Competitividade	<p>“Apesar de ser IC, também mereço respeito e também gostaria de discutir as pesquisas com meu orientador, e não apenas receber ‘ordens’ de mestrandos e doutorandos”.</p> <p>“Que bom que ele [o orientador] consegue, mas eu não consigo produzir com essa tensão toda [referindo-se à pandemia]”; “me sinto culpado e incapaz quando não produzo”.</p> <p>“Uma vez me perguntaram: como você ainda não sabe falar/ler inglês? Você deveria fazer um curso e inglês! Como fazer, se não estou nem dando conta do que eu tenho para fazer?”.</p> <p>“Teve o caso de um professor que não fornecia notas de provas e você só ficava sabendo se passou ou não no fim do semestre. Para esse professor eu diria: a legislação universitária diz que um aluno tem o direito de saber previamente a nota de uma avaliação antes que se faça uma próxima”.</p>
Naturalização do sofrimento	<p>“O pior é quando te perguntam: O que você faz da meia noite às seis da manhã?”.</p> <p>“Mas será que se tu estudar um pouquinho mais...?”.</p> <p>“Não é normal não estar cansado e sobrecarregado...”.</p> <p>“Tem muitos alunos que ‘aprendem pela dor’. Será que o professor se pergunta sobre o custo físico e sofrimento psíquico para aquele aluno está indo bem nas avaliações de sua disciplina difícil?”.</p> <p>“Alguns professores já se perguntaram sobre o porquê de uma colega ter tido uma crise de pânico antes de realizar uma prova de recuperação?”.</p> <p>“Eu segui o semestre com muita dificuldade, e no semestre seguinte estava tão deprimida que não conseguia mais produzir nada”.</p> <p>“Eu era cheio de sonhos...”.</p> <p>“Muitas vezes tenho uma grande sensação de fracasso dentro da universidade, me sinto insegura por não conseguir me dedicar tanto quanto eu gostaria, me sinto incapaz diante de desafios maiores”.</p> <p>“Eu diria para tentar ouvir o que o aluno está tentando dizer para ele. Eu conheço uma infinidade de casos de alunos que estão com problemas pessoais e precisam de algum acolhimento por parte da figura de autoridade mais próxima dele (no caso aluno-professor) e simplesmente não se sentem à vontade em falar porque sabem que vão ser rechaçados e sair se sentindo pior que antes de tentar falar alguma coisa”.</p>

Tema (continuação)	Excertos das narrativas das/os estudantes (continuação)
Homofobia, Machismo, Racismo	<p>"Às vezes tenho vontade de dizer: professor, suas piadas homofóbicas me constrange, me intimida, me faz sofrer".</p> <p>"Acho que alguns professores precisam de uma verdadeira atualização no entendimento social do meio em que atuam. São conscientes só no discurso, pois as práticas ainda reproduzem de forma muito grave comportamentos elitistas, machistas, racistas e tantos outros dos quais a sociedade tem convulsionado para se livrar, e não podem ser referência em um ambiente de universalização do conhecimento".</p>
Elitismo e a exclusão do estudante-trabalhador	<p>"Muitas vezes fiquei atrasada em relação à turma, fosse por não ter recebido o auxílio material, com o qual contava para custear parte dos materiais requisitados, fosse por não conseguir dar conta da produção esperada por falta de tempo, pois até uma parte do curso trabalhei em período integral, tendo apenas os finais de semana para me dedicar aos trabalhos".</p> <p>"Esse é o padrão de rendimento esperado, o da pessoa que tem tudo o que precisa para se dedicar exclusivamente ao curso".</p> <p>"Talvez há alguns anos atrás, quando o acesso à universidade era restrito às classes sociais mais abastadas, fizesse algum sentido que não se considerassem condições adversas na avaliação dos trabalhos dos alunos. Mas, já faz algum tempo que essa realidade vem se modificando, sendo que manter esse padrão nos dias atuais é nada menos que uma declaração classicista - a universidade mostrando a quem está a serviço e quem é o aluno que ela quer".</p> <p>"A professora disse, após constatar que eu não tinha o material necessário para instalar meu trabalho na exposição que estávamos montando, que "o curso não é para pobres. Se você não tem os recursos que precisa, vai ter que ser muito mais criativa que seus colegas". Ela estava ciente das minhas dificuldades, mas reduziu toda a questão ao fato de eu ser pobre e ainda de que a culpa era minha por não ser criativa como deveria".</p> <p>"Eu acho simplesmente absurdo que alguns professores partam do princípio de que os alunos dispõem das mesmas condições e cobrem de forma inflexível um rendimento que só é possível nas circunstâncias mais favoráveis, que provavelmente foram as que eles tiveram em sua formação (já que na geração de grande parte deles - que é a mesma dos meus pais - não tinha pobre no ensino superior)".</p> <p>"Eu já tentei explicar a um professor sobre como o formato de uma disciplina estava problemático e que claramente exigia uma carga de trabalho para alunos que não precisam trabalhar e estudar. A resposta que recebi foi que "a súmula do curso previa um perfil de aluno com dedicação exclusiva".</p>

Nota. Tabela elaborada pelos autores, com temas elencados a partir das narrativas das/dos estudantes enviados por e-mail e nos encontros online.

Na tabela 1 apresentamos uma síntese das narrativas das/estudantes, sem que as/os mesmas/os fossem identificadas/os. As falas foram transcritas de modo literal, tanto nos diálogos que ocorreram no encontro online, quanto nos e-mails recebidos. Entendemos que, a partir das respostas, tem algo nessa pergunta que convoca as pessoas a falarem/escreverem. Para essa ação específica, partimos do pressuposto de que os alunos que respondessem essa questão não tiveram a oportunidade de falar em outros espaços dentro da universidade. De fato, quem respondeu a essa pergunta ou quem participou dos encontros online, todos, sem exceção, tiveram momentos em que foram barrados, em que não puderam falar.

Destaca-se neste silenciamento uma questão que gera muito desconforto e sofrimento entre as/os estudantes: a rígida hierarquia acadêmica. Uma hierarquia que sabemos não se sustentar apenas entre professoras/es e alunas/os, mas entre professoras/es, técnicas/

os administrativos, profissionais terceirizados; numa escala bem definida de importância dentro da instituição, o que reforça a existência de um lugar de impossibilidade de fala dentro da universidade. Esse lugar de saber, que mantém e amplifica a cultura da genialidade, faz emudecer a/o aluna/o, que se entende entendedor de nada. Quando um/a professor/a impõe a uma técnica-administrativa ou a um grupo de estudantes que seja chamado de senhor/a ou doutor/a, diminuem-se significativamente as possibilidades de fala, diálogo e escuta.

A atividade "O que eu gostaria de falar?" se soma ao Grupo Virtual MEDUSA na compreensão de que os elementos que levam ao adoecimento são mais sistemáticos e estruturais. Toda a questão do Ensino Remoto Emergencial, o acirramento político, além de questões sobre racismo, homofobia, machismo, dentre outros, tudo isso acontece dentro dos cursos e nos contextos sociais mais amplos. O programa entende que a competitividade, os preconceitos, a hierarquia e outros problemas são reflexos da sociedade, por isso não buscamos culpabilizar a universidade ou seus/suas professores/as em relação ao adoecimento das/os estudantes. É importante ressaltar que, quando falamos de saúde mental, também precisamos falar sobre o que produz saúde mental na universidade, sobre como podemos coletivamente construir estratégias para que a universidade seja, além de um espaço educativo e formativo, um espaço de produção de saúde e de vida.

Formação Continuada em Educação e Saúde Mental e Ações de Apoio Matricial

Inicialmente havíamos planejado encontros de formação com professoras/es da universidade, com o objetivo de promover um espaço de escuta e sensibilização para aspectos relativos à saúde mental das/os estudantes universitários. Entretanto, observamos que, ao longo do ano, tanto as/os professoras/es, quanto estudantes e técnicas/os administrativas foram demonstrando e verbalizando em diferentes espaços a sensação de cansaço extremo com as atividades remotas. Sucessivas horas, dias a fio, o trabalho frente às telas dos computadores acabou tendo como efeito esse cansaço. A internet foi tomada por lives de todos os tipos: musicais; palestras; cursos; aulas; jogos; noticiários. Diante desse fato, somado à informação de que cursos de extensão sobre saúde mental de universitários estavam se esvaziando, optamos por apostar na produção de materiais informativos e audiovisuais como ferramentas de educação continuada sobre saúde mental.

Através das histórias escutadas e lidas na atividade "O que eu gostaria de falar?" e no Grupo Virtual MEDUSA, cards com frases das/os estudantes (sem identificação) foram produzidos e compartilhados, o que acabou resultando na produção de dois vídeos².

Além das duas produções audiovisuais e como efeito dos encontros com o Grupo Virtual MEDUSA, produzimos uma série de materiais informativos, no formato de cards e infográficos, sobre saúde mental, universidade e distanciamento social em nossa página no Instagram³.

²Os vídeos foram disponibilizados em nosso canal no YouTube e podem ser acessados em https://www.youtube.com/channel/UC_7TTKa9VaBATQuPCGEVvZQ

³A página pode ser acessada em <https://www.instagram.com/medusaufrgs/>

Nas figuras 4 e 5, respectivamente sobre a suspensão do calendário acadêmico e sobre a procura de ajuda psicológica no contexto da pandemia, podemos vislumbrar o teor conferido aos materiais. Com uma linguagem clara e acessível a diferentes públicos, buscamos nos conectar com as/os estudantes através de materiais que pudessem dialogar com as questões emergentes naquele momento. Embora destinado principalmente às/aos estudantes e seguidoras/es da página na rede social, os materiais também foram enviados às Comissões de Graduação dos Cursos, como uma forma de sensibilizar e chamar a atenção das/os docentes para os efeitos da pandemia e do Ensino Remoto Emergencial na pandemia.



Figura 4. Card: Suspensão das Aulas

Fonte: elaborado pela equipe de extensão do MEDUSA e compartilhado em rede social.



Figura 5. Card: Quando procurar ajuda

Fonte: elaborado pela equipe de extensão do MEDUSA e compartilhado em rede social.

Não registramos um retorno significativo das Comissões de Graduação quanto ao envio dos materiais informativos, mas o envio destes gerou o contato com dois coordenadores de curso, que demonstraram preocupação com as/os estudantes, ainda antes do retorno das aulas em 2020. Foram conversas pontuais que tiveram como consequência o

vínculo com alguns/algumas discentes destes cursos, que acabaram participando de alguns dos encontros do Grupo Virtual. Nesse sentido, destacamos que esse programa de extensão prevê ações de apoio às Comissões de Graduação de diferentes cursos, objetivando a construção de espaços de produção de saúde mental e de soluções conjuntas em casos necessários, e articulações com projetos e ações de saúde mental já existentes na universidade.

Tal ação ainda não ocorreu da forma planejada, tendo ocorrido apenas esses dois contatos e conversas com coordenadores. Isso se explica, ao menos em parte, pelo volume de trabalho que todas/os tiveram para o reinício das atividades de ensino na modalidade remota. A ação de apoio matricial em saúde mental na universidade tem como inspiração as práticas de matriciamento nas Redes de Atenção em Saúde. Conforme Campos e Domitti (2007), ao procurar garantir a responsabilização compartilhada dos casos discutidos nas reuniões de matriciamento, potencializando uma escuta diferenciada e ampliada para os sujeitos e promovendo ações individuais e coletivas, o Apoio Matricial vem se configurando como uma aposta na superação da dicotomia entre Saúde Mental e Atenção Básica.

Após reelaboração do conceito de organização matricial do trabalho, Campos (1999) postula um novo arranjo organizacional para o trabalho em saúde, denominando-o equipes de referência e apoio especializado matricial, sustentando-se nas diretrizes de vínculo terapêutico, transdisciplinaridade do saber e das práticas e gestão das organizações como dispositivo para a produção de saúde. Campos e Domitti (2007) defendem que as equipes de referência e apoio matricial sejam tanto um arranjo organizacional quanto uma metodologia de trabalho. Nessa direção, três planos, do ponto de vista prático, podem ser tomados como referência no desenvolvimento desse arranjo: troca de conhecimento e de orientações entre equipe e apoiador; atendimentos e intervenções conjuntas entre profissional de referência e apoiador; e intervenções complementares especializadas dos apoiadores.

Adaptando e recriando o apoio matricial no contexto da universidade, nosso grupo de extensionistas se propõe a funcionar como uma equipe de apoio às Comissões de Graduação (substituindo aqui as Equipes de Referência – as comissões têm, dentre outras, a função de acompanhar pedagogicamente o percurso das/os estudantes desde a sua entrada até a formatura, constituindo-se numa referência para essas/es. O apoio se configura não com o foco nos desajustes ou problemas individuais, mas para o diálogo, troca de saberes e informações e construção conjunta de intervenções que visem a promoção da saúde na universidade.

Considerações Finais

Medusa, do grego, significa guardiã, protetora. O que a medusa protege? No mito, quem a olhasse diretamente nos olhos seria petrificado. Na antiguidade clássica, a imagem da cabeça da Medusa era utilizada para afugentar o mal. No entanto, ela encarnava o próprio mal ao ser amaldiçoada a se tornar uma górgona por Atena,

como “punição” por ter sido estuprada por Poseidon no templo da deusa da sabedoria. A górgona Medusa, figura monstruosa, feroz e feminina, tinha serpentes no lugar dos cabelos que hipnotizavam quem a visse.

Por um lado, então, a Medusa que protege (ou deveria proteger) a castidade do seu corpo, que guarda o templo da deusa da sabedoria; por outro, um ser monstruoso que petrifica pelo olhar, tornada dessa forma não humana por outra mulher que a culpa por ter sido vítima de Poseidon. Essa contradição que marca o lugar do feminino em nossa cultura, também abre caminhos para o encontro com o [projeto] MEDUSA: construção de espaços de cuidado e proteção no encontro de olhares e dizeres, sem nos petrificarmos. O MEDUSA propõe que olhemos nos olhos da Medusa, essa Medusa que nos habita e nos constitui. E que a universidade, esse templo considerado das deusas e dos deuses da sabedoria, não se constitua num espaço de exclusão, culpabilização e naturalização do sofrimento.

O que vemos muitas vezes, entretanto, é esse mito da Medusa transmutando-se e sendo escrito de outras formas no contexto universitário. Para isso, é necessário desmitificar – pois os mitos, assim como constroem grandes narrativas de compreensão de uma cultura e sociedade, também nos enredam em suas totalizações. Projetos como o MEDUSA devem seguir existindo para, nos meandros de encontros singulares, ir desmitificando a universidade enquanto um espaço que valoriza o mérito individual, a competitividade, a produtividade, o capacitismo e que ainda sustenta práticas machistas, homofóbicas e elitistas. Durante a pandemia e no pós-pandemia, nossas/os estudantes precisam ser acompanhadas/os e nossas práticas pedagógicas precisam ser repensadas. Assim, vamos construindo coletivamente espaços de produção de saúde mental e de vida dentro da universidade.

Referências

- Arino, D. O., & Bardagi, M. P. (2018). Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. *Psicologia em Pesquisa, 12*(3), 44-52.
- Arruda, E. P. (2020). Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *EmRede – Revista de Educação à Distância, 7*(1), 257-275.
- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. (2019). *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018*. Brasília, DF: Andifes, Fonaprace, Universidade Federal de Uberlândia.
- Bisinoto, C., Marinho, C., & Almeida, L. (2011). A atuação da psicologia escolar na educação superior: algumas reflexões. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 45*(1), 39-55. https://doi.org/10.14195/1647-8614_45-1_3
- Campos, G. W. S. (1999). Equipes de referência e apoio especializado matricial: um ensaio sobre a reorganização do trabalho em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva, 4*(2), 393-403.
- Campos, G. W. S., & Domitti, A. C. (2007). Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. *Caderno de Saúde Pública, 23*(2), 399-407.
- Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. (2019). *Psicologia na educação: saberes e fazeres*. Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul.
- Fundação Oswaldo Cruz (2019). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19 – Recomendações Gerais*. Brasília, Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde.
- Hodges, C. et al. (2020). The difference between emergency remote teaching and online learning. *EDUCAUSE Review*. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>
- Leal, K. S.; Oliveira, P. D. S., Rodrigues, P. R. G., & Fogaça, F. F. S. (2019). Desafios enfrentados na Universidade Pública e a Saúde Mental dos estudantes. *Humanidades & Inovação, 8*(8), 59-69.
- Marinho-Araújo, C. M. (2015). Psicologia Escolar na Educação Superior: Novos cenários de intervenção e pesquisa. In C. M.

- Marinho-Araújo (Org.). *Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação*. (pp. 133-174). Campinas, SP: Alínea.
- Marinho-Araújo, C. M. (2016). Inovações em Psicologia Escolar: o contexto da educação superior. *Revista Estudos de Psicologia*, 33(2), 199-211. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200003>
- Marques, B. G.; Miranda, M. L. J. (2015). Photovoice: implicações do método colaborativo para as pesquisas em Educação Física e Saúde. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 20(6), 545-546.
- Moura, F. R., & Facci, M. G. D. (2016). A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(3), 503-514. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201502031036>
- Oliveira, F. T. M., & Martins, C. M. C. (2019). A fotografia como metodologia investigativa: uma contribuição do *photovoice* para as sequências de ensino. *Debates em Educação*, 11(23), 186-196. <http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n23p186-196>
- Osse, C. M. C., & Costa, I. I. (2011). Saúde Mental e Qualidade de Vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(1), 115-122. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000100012>
- Peretta, A. A. C. S., Oliveira, I. W. M., & Lima, L. M. (2019). Roda de Conversa sobre Evasão: a psicologia escolar no ensino superior. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 23(e186484), 1-4, <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392019016484>
- Peretta, A. A. C. S., Oliveira, I. W. M., & Lima, L. M. (2019). Roda de Conversa sobre Evasão: a psicologia escolar no Ensino Superior. *Psicologia Escolar e Educacional*, 23(e186484), 1-4. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392019016484>
- Rocha, M. L. (1999). A formação na interface psicologia/educação. In A. M. Jacó-Vilela, & Mancebo, D. (Orgs). *Psicologia social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Sampaio, S. M. R. (2015). Explorando Possibilidades: O trabalho do psicólogo na educação superior. (pp. 175-190). In C. M. Marinho-Araújo (Org.). *Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação*. Campinas, SP: Alínea.
- Venturini, E., & Goulart, M. S. B. (2016). Universidade, Solidão e Saúde Mental. *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG*, 4(2), 94-115

